



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

**“É MUITO DIFÍCIL PRA NÓS CONSEGUIR ENTRAR NA FACULDADE”:** ANÁLISE  
SOCIOLINGUÍSTICA DA CONCORDÂNCIA DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NA  
VARIEDADE URBANA DO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE

Bianca Ferreira da Costa

Rio de Janeiro

2019

BIANCA FERREIRA DA COSTA

“É MUITO DIFÍCIL PRA NÓS CONSEGUIR ENTRAR NA FACULDADE”: ANÁLISE  
SOCIOLINGUÍSTICA DA CONCORDÂNCIA DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL NA  
VARIEDADE URBANA DO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE

Monografia submetida à Faculdade de Letras  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
como requisito parcial para obtenção do título  
de Licenciado em Letras na habilitação  
Português/ Latim.

Orientador: Professora Doutora Silvia Rodrigues Vieira

Rio de Janeiro

2019

COSTA, Bianca Ferreira da.

“É muito difícil pra nós conseguir entrar na faculdade”: análise sociolinguística da concordância de primeira pessoa do plural na variedade urbana do Português de Moçambique/ Bianca Ferreira. – 2019.

37. f

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Silvia Rodrigues Vieira.

Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Latim) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 35-37.

Português de Moçambique 2. Concordância verbal 3. Sociolinguística. I. Costa/ Bianca Ferreira da. II – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2019. III. Título

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter possibilitado que inúmeras portas fossem abertas para que hoje eu pudesse estar realizando esse sonho.

À minha mãe, Dhiane Ferreira, que várias vezes me incentivou e me acolheu em seus braços em momentos difíceis. Obrigada pelo amor incondicional, pelo apoio e por sempre se fazer presente. Se hoje eu estou concluindo esse curso, devo grandemente a ela.

Aos meus pais – Eduardo (em memória) e Roberto. Minha alegria estaria completa se o Eduardo pudesse estar aqui, fisicamente, conosco, comemorando essa grande conquista. Ao Roberto, sou grata por sempre me motivar a alcançar e realizar meus grandes sonhos.

À minha querida avó Carmem, por sempre me receber sorridente e com algo gostoso quando estou estressada com as inúmeras atividades acadêmicas. Sou grata também por sempre me apoiar e me motivar a seguir em frente.

Agradeço ainda aos meus amigos, que tornaram essa jornada mais alegre e leve. À Laryssa, por me incentivar a cursar uma universidade pública e por se manter sempre por perto. Às meninas de latim, Amanda, Gabriele, Kalicia e Millena, por tornarem essa jornada tão agradável e divertida. À Larissa, pelo companheirismo e por sempre ouvir e/ou ler minhas apresentações.

À minha orientadora e grande amiga, Silvia, por sempre ter depositado confiança em mim – mesmo quando nem eu depositava. Sou grata por todo apoio e pela dedicada orientação durante a IC. Silvia, obrigada por ouvir meus choros e neuras e sempre me acalmar e me incentivar a prosseguir.

À FAPERJ, por financiar a minha pesquisa no decorrer dos últimos anos de graduação. A parceria desses órgãos com os alunos é fundamental para que a ciência vá adiante, principalmente as pesquisas na área de humanidades.

## RESUMO

Análise sociolinguística dos padrões de concordância de primeira pessoa do plural. O presente trabalho objetiva constatar o estatuto da regra de marcação de plural na variedade moçambicana e contribuir com a análise comparativa de variedades do Português, por meio da análise de ocorrências extraídas de entrevistas sociolinguísticas com falantes do Português de Moçambique (doravante PM).

Para tanto, observa o comportamento das ocorrências de verbos relacionados com sujeitos de primeira pessoa do plural no Banco de dados Moçambique-PORT (cf. [www.corporaport.lettras.ufrj.br](http://www.corporaport.lettras.ufrj.br)), partindo dos preceitos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968).

A realização das formas alternantes da marcação morfológica de pluralidade é analisada em conjugação com os elementos linguísticos e sociais que, por hipótese, exercem alguma influência sobre o fenômeno. Espera-se, assim, contribuir com os estudos sociolinguísticos (VIEIRA; BRANDÃO, 2014; PETTER, 2009) que se ocupam do estabelecimento de um *continuum* da Concordância Verbal (doravante CV) em variedades do Português

**Palavras-chave:** concordância verbal de primeira pessoa do plural, português de Moçambique, sociolinguística

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CONCEPÇÕES VARIACIONISTAS.....</b>	<b>8</b>
<b>3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: A CONCORDÂNCIA DE 1PP.....</b>	<b>9</b>
<b>4. METODOLOGIA.....</b>	<b>12</b>
4.1. Descrição do <i>corpus</i> .....	12
4.2. Procedimentos.....	15
4.3. Descrição das variáveis.....	16
4.3.1. Variável dependente.....	16
4.3.2. Variáveis independentes.....	17
4.3.2.1. Variáveis extralinguísticas.....	17
4.3.2.2. Variáveis linguísticas.....	21
<b>5. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>23</b>
5.1. Distribuição geral dos resultados.....	23
5.2. Comportamento das variáveis independentes.....	27
5.2.1. Variáveis extralinguísticas.....	27
5.2.2. Variáveis linguísticas.....	31
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>34</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>36</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O fenômeno da concordância verbal é um tema bastante estudado nas variedades brasileiras e europeias do Português. Contudo, ainda há poucos trabalhos que o abordem na variedade moçambicana. Devido a isto, a presente pesquisa, que se vincula ao Projeto *Contínuos de/em variedades do Português: análises contrastivas*, objetiva contribuir com a análise comparativa das variedades urbanas do Português, em relação aos padrões de concordância da primeira pessoa do plural.

O objetivo primeiro do trabalho é descrever a expressão de primeira pessoa do plural (1PP) com *nós* e com *a gente* e os respectivos padrões de concordância – com ou sem marcação de pluralidade – na variedade urbana do Português de Moçambique (PM), mais precisamente com dados produzidos por falantes da capital do país, Maputo. A realização das formas alternantes da marcação morfológica de pluralidade é analisada em conjugação com os elementos linguísticos e sociais que, por hipótese, exercem alguma influência sobre o fenômeno.

Ademais, o presente trabalho tem o intuito de averiguar o estatuto da variedade do PM, considerando que a LP se tornou a língua oficial no país em 1975, há apenas 44 anos, coexistindo atualmente ainda com cerca de 26 línguas bantu (PISSURNO, 2018). O número de falantes maternos de LP, segundo o Censo (2007), representaria uma pequena parcela da sociedade, de forma que apenas 10,7% dos indivíduos afirmam ter adquirido a LP em sua primeira infância. Dessa forma, a pesquisa, ao analisar o presente fenômeno, considera também a formação da referida variedade do Português, a qual se revela, ao que parece, ainda em construção.

Para atingir os objetivos propostos, observa-se o comportamento das ocorrências de verbos relacionados com sujeitos de primeira pessoa do plural no Banco de dados Moçambique-PORT (organizado por Vieira & Pissurno - cf. [www.corporaport.lettras.ufrj.br](http://www.corporaport.lettras.ufrj.br)), partindo dos preceitos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972; 2003). Espera-se, assim, contribuir com os estudos sociolinguísticos (cf. VIEIRA; BRANDÃO, 2014) que se ocupam do estabelecimento de um *continuum* da Concordância Verbal (CV) em variedades do Português.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CONCEPÇÕES VARIACIONISTAS

O presente trabalho apoia-se, para o tratamento do fenômeno variável, no modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972; 2003), segundo o qual a premissa da heterogeneidade ordenada pressupõe a consideração de fatores linguísticos e extralinguísticos para a análise de fenômenos linguísticos variáveis. Iniciada na década de 60, a Sociolinguística surge tendo como pressuposto central que o meio social é um dos fatores que determinam as escolhas linguísticas dos falantes. A partir disso e à luz dos fundamentos dessa abordagem, a pesquisa realizada assume que a linguagem é um fenômeno inerentemente social, sendo a variabilidade de caráter intrínseco e natural.

Sob essa perspectiva, as línguas naturais são vistas como entidades heterogêneas, que tomam feições particulares nas comunidades de fala. Dessa forma, podem ser encontradas formas diferentes para expressarem o mesmo conteúdo; tais formas são nomeadas como variantes. Essas variantes podem coexistir em uma sociedade por muito tempo – em uma variação estável – até que uma forma suplante a outra – mudança linguística; contudo, tal substituição pode também não ocorrer. Com isso, vê-se que a variação e a mudança linguística estão interligadas, visto que esta é resultante daquela; todavia, a variação pode não implicar a mudança linguística.

Ao considerar a heterogeneidade do sistema linguístico, a escolha de uma forma em detrimento da outra não será vista como algo de caráter aleatório, mas sim condicionado por fatores inerentes à língua e/ou por fatores externos à língua (dando conta do chamado *problema das restrições*). Ademais, as variantes linguísticas, além de serem usadas de forma diferente pelas comunidades de fala, também podem portar valores distintos na avaliação subjetiva feita pelos indivíduos, de modo que podem constituir estereótipos sociais. Para Labov (1972), quando há alguma resistência para o emprego da variante no meio social, esta é considerada como um estereótipo, sendo altamente marcada como uma forma estigmatizante pela sociedade. Assim, a Sociolinguística encarrega-se da responsabilidade de investigar os fatores condicionadores – variáveis independentes – que influenciam o uso de uma determinada variante – constitutiva da variável dependente –, e, ainda, da avaliação social das variantes (objetivando dar conta do chamado *Problema da avaliação*).

Dessa forma, assumindo tais concepções básicas da Sociolinguística, a presente pesquisa considera a língua falada em situações reais de uso para a investigação do fenômeno.



Para tanto, propõe a observação de dados extraídos de entrevistas sociolinguísticas realizadas em Maputo para a descrição e análise quantitativa e qualitativa do *status* da concordância de 1PP na variedade urbana de Moçambique, dando importância à diversidade linguística e aos fatores linguísticos – aqueles atrelados à estrutura gramatical e suas propriedades fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas – e extralinguísticos – aqueles relacionados aos condicionamentos externos à língua, como idade, escolaridade, sexo/gênero – que podem atuar como condicionadores do fenômeno.

Ademais, para estabelecer o *status* da regra do fenômeno na variedade analisada, a investigação baseia-se em Labov (2003). Este propõe tipos de regras linguísticas a partir da frequência de uso das variantes na variedade em questão, propondo três categorias: categórica, semicategórica e variável. A regra categórica revelaria o caráter maximamente produtivo de uma forma em detrimento de outra teoricamente possível, de modo que haveria 100% de concretização de uma variante na fala dos indivíduos da sociedade em questão. Por outro lado, a regra semicategórica, apesar de apresentar um caráter altamente produtivo de uma determinada variante, com frequência de uso entre 95% – 99%, ainda revelaria, mesmo que de forma menos produtiva, a presença da outra variante existente. Por último, a regra variável demonstraria de fato coexistência das formas, com frequências de uso diversas inferiores a 95%.

### 3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA: A CONCORDÂNCIA DE 1PP

A fim de estabelecer uma análise comparativa entre as variedades do Português, busca-se observar proximidades e distanciamentos entre a variedade moçambicana e as variedades europeia e brasileira em relação ao fenômeno de concordância de 1PP. Para tanto, nesta seção, o presente trabalho apresenta alguns estudos sobre o fenômeno abordado.

A tradição gramatical (CUNHA & CINTRA, 2007) considera que o sujeito compartilharia os traços de número e pessoa com o verbo. Dessa forma, assume-se que o verbo, ao concordar com o sujeito pronominal *a gente*, apreende o traço gramatical de terceira pessoa do singular – *a gente canta*. Da mesma forma, assume-se que o verbo, ao concordar com o sujeito pronominal *nós*, adquira o traço de primeira pessoa do plural – *nós cantamos*.

Diferentemente da tradição gramatical, os estudos linguísticos debatem o caráter singular e de terceira pessoa atribuído ao pronome *a gente*, tendo em vista seu valor

semântico. O caráter singular entra em debate porque semanticamente este pronome designa um referente coletivo, herdado de sua origem (do nome *gente*), e isto pode estar relacionado ao fato de o falante não associar o traço singular à forma pronominal. No que diz respeito ao caráter de terceira pessoa, deve-se considerar que o falante, ao pensar nas pessoas do discurso, não reconheça o porquê desta atribuição, uma vez que, ao empregar esse pronome na sentença, há o interesse de indicar quem fala, mesmo que isso represente a inclusão do locutor em um coletivo. Tendo isso em vista, o emprego semanticamente lógico seria que se usasse a forma verbal do paradigma de 1ª pessoa e não a de 3ª, posto que esta última indicaria originariamente de quem se fala e a 1ª indicaria quem fala. À vista disso, pressupõe-se que esses aspectos favorecem a preferência do falante em concordar o pronome *a gente* com o verbo no paradigma formal de 1ª pessoa do plural.

Vieira e Brandão (2014), ao avaliar o estatuto das regras de concordância nas variedades brasileira (dados de comunidades urbanas da área metropolitana do Rio de Janeiro) e europeia (dados de comunidades urbanas de Lisboa), salientam a necessidade de um olhar tanto qualitativo quanto quantitativo aos resultados do fenômeno da concordância.

As autoras, ao analisarem a concordância de estruturas com *a gente*, revelam que os responsáveis pela marcação ou não da CV seriam os traços carregados pelo pronome; tais traços seriam o formal, de 3ª pessoa de singular, e o semântico, de 1ª pessoa do plural. Assim, a marca de concordância padrão implicaria privilegiar o aspecto formal, enquanto a não marcação padrão de plural implicaria privilegiar o aspecto semântico.

Ao analisarem a regra de concordância verbal com essa estrutura, perceberam que em ambas as variedades havia maior preferência pela 3ª pessoa do singular. Contudo, a regra se mostrava mais produtiva nas comunidades urbanas do PB do que nas do PE, sendo concebida como uma regra variável no PE (82% de marcação padrão de pluralidade) e semicategórica no PB (99% de marcação padrão de pluralidade). Esses resultados mostram que, na variedade europeia em questão, o padrão de concordância alterna tendo em vista a atuação do traço semântico de coletividade, enquanto a brasileira, considerando dados urbanos cariocas, privilegia os traços gramaticais.

As autoras, ao analisarem a concordância de estruturas com *nós*, mostraram que, em ambas as variedades, a concordância padrão se revela altamente produtiva nos meios urbanos em questão. Contudo, diferentemente do que ocorre com estruturas com *a gente*, o PE apresenta por única opção a variante padrão, enquanto o PB evidencia cancelamento da marca de plural, ainda que improdutivo em comunidades mais tipicamente urbanas. Assim, em

termos gerais, a CV com *nós* revela-se como categórica no PE (100%) e como variável no PB, em medidas diversas, a depender da comunidade de fala em análise.

Rubio (2012), ao analisar os padrões de concordância verbal no PE (*Corpus* de Referência do Português Contemporâneo – dados de regiões variadas de Portugal) e PB (dados do interior de São Paulo), revela resultados próximos dos observados por Brandão e Vieira (2014). Ele indica que a concordância verbal de 1PP pode revelar resultados diferentes a depender da forma pronominal do sujeito – *nós* ou *a gente*. Assim, os índices revelam que a regra de concordância de 1PP com a forma *nós* se mostra categórica no PE (100%) e variável no PB (85,5%). Já os resultados traçados com a forma *a gente* demonstram que a regra é variável tanto no PE (75,5%) quanto no PB (94%), sendo a marcação padrão mais produtiva no PB.

Tendo visto o modelo da concordância padrão consagrado nas gramáticas tradicionais e as tendências de uso nas variedades brasileira e europeia do Português, cabe refletir sobre as feições do fenômeno na sociedade moçambicana. Para tanto, passaremos à abordagem dos estudos realizados sobre a concordância no meio urbano da cidade de Maputo.

A esse respeito, os resultados relativos aos dados do PB e do PE favorecem a hipótese de que, na variedade moçambicana, a CV seria altamente produtiva tanto em construções com o sujeito pronominal *nós*, quanto em construções com o sujeito pronominal *a gente*, tendo em vista a suposta adoção do modelo europeu nas escolas da região, onde se ensina a Língua Portuguesa em meio a outras línguas locais, visto se tratar de um país multilíngue. Contudo, a produtividade da CV tenderia a ser variável a depender do tipo de sujeito pronominal empregado na sentença, assim como ocorre no PE, sendo supostamente maiores os índices de concordância padrão com a forma *nós* do que com a forma *a gente*.

Gonçalves (2015), ao analisar o fenômeno de concordância verbal no Português de Moçambique, revela que a não marcação de pluralidade representa um traço social de caráter estigmatizante. Ela salienta que, em relação às variáveis extralinguísticas, a escolaridade é a mais favorecedora da marcação padrão de pluralidade, e que os falantes com maior nível de instrução formal exibem o cancelamento da CV em situações restritas. Em relação às variáveis linguísticas, sujeitos compostos/ complexos, não expressos e, ainda, a posposição desse constituinte tenderiam a contribuir para o cancelamento da marca de pluralidade.

Pissurno (2017), ao analisar o fenômeno de concordância verbal de terceira pessoa do plural na variedade do Português de Moçambique/Maputo (também no *Corpus* Moçambique-PORT), demonstra que a regra se apresenta como semicategórica, com alta produtividade da concordância padrão. Ela ressalta que esse resultado sugere que os falantes moçambicanos

adotem o modelo de marcação europeu, motivo pelo qual se demonstra a forte preferência pela marcação de plural nos verbos de 3ª pessoa conforme o modelo que supostamente é adotado no ensino formal em Moçambique. Assim como Gonçalves (2015), a autora revela que a baixa escolaridade é uma variável que desfavorece a marcação padrão.

Pissurno (2017) analisa, ainda, a suposta frequência de uso da língua(s) empregada(s) pelos participantes da pesquisa, levando em conta as próprias declarações dos indivíduos em questão. Isso porque há grande diferença entre o sistema de expressão de plural das línguas locais (línguas bantu) e o da língua Portuguesa. A autora explica que, enquanto as primeiras se valem de prefixos para expressar a categoria de número, o Português utiliza desinências número-pessoais. Além disso, a situação de bilinguismo que afeta a maioria dos falantes em Maputo, seja aqueles que têm Português como L1, seja como L2, também colabora para graus diferentes de proficiência na LP, o que supostamente poderia acarretar maior variação na expressão de pluralidade no Português falado em Moçambique. Segundo o referido estudo, a diferença entre as línguas, acompanhada do baixo emprego da LP no dia a dia por alguns moçambicanos, contribui para que o falante faça menor uso da concordância padrão na LP.

#### **4. METODOLOGIA**

Esta seção abordará a descrição do *corpus* utilizado, o procedimento de coleta dos dados, o levantamento das variáveis linguísticas e extralinguísticas consideradas e o aporte utilizado para o tratamento quantitativo dos dados.

##### **4.1. Descrição do *corpus***

Os dados desta pesquisa foram extraídos das gravações com falantes de Português em Maputo/Moçambique do Corpus Moçambique-PORT (VIEIRA; PISSURNO – cf. [www.corporaport.letras.ufrj.br](http://www.corporaport.letras.ufrj.br)), organizado por integrantes da equipe do Projeto *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias do Português*.

Inicialmente, o projeto tinha o objetivo de entrevistar 18 informantes, nascidos em Moçambique/Maputo e falantes de Português como língua materna, distribuídos por sexo,

faixa etária e nível de escolaridade. Contudo, tendo em vista o perfil multilíngue do país, em que a Língua Portuguesa coexiste com uma diversidade de línguas locais (PISSURNO, 2018), o propósito de entrevistar apenas falantes de Português como língua materna não foi possível de ser realizado. Sendo assim, o *corpus* é composto pela fala de indivíduos que adquiriram a Língua Portuguesa tanto como L1 quanto como L2, segundo a declaração dos próprios participantes.

À vista dessa realidade, cabe observar alguns fatores quanto ao perfil multilíngue da sociedade moçambicana. A difusão da LP deu-se tardiamente na sociedade, tendo sido definida como língua oficial somente após a independência do país (1975). A partir desse marco histórico, o número de falantes de Português começou a crescer consideravelmente desde 1980 (TIMBANE, 2015), tendo em vista que, nesse período de independência e pós-independência, as línguas locais eram proibidas no meio escolar e também em alguns meios domiciliares. Os dados expostos na Tabela 1, extraídos de censos realizados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) de Moçambique, demonstram a distribuição de falantes quanto à aquisição das línguas.

**Tabela 1:** Distribuição percentual dos moçambicanos segundo a língua materna.

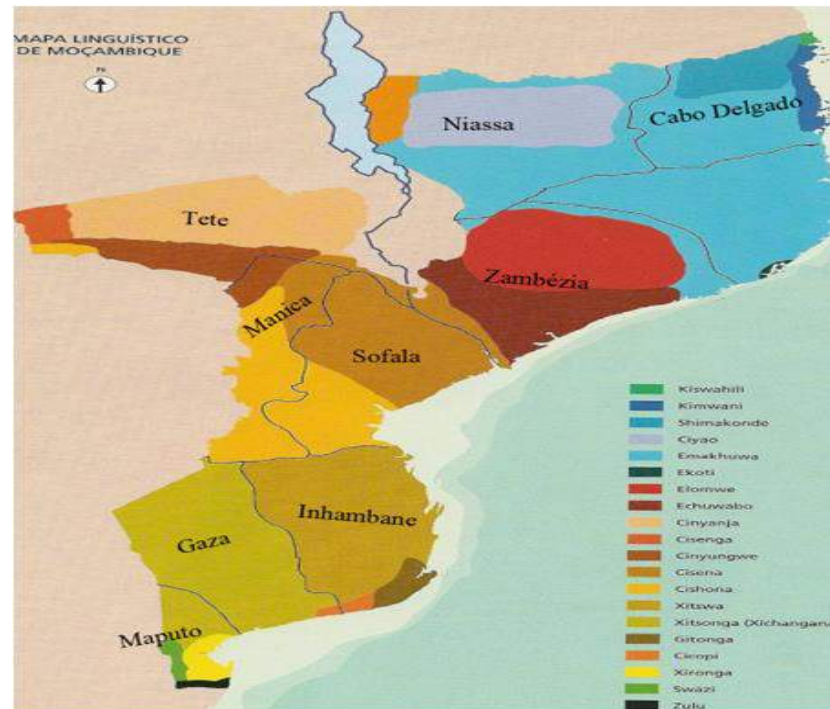
ANO DO CENSO	LÍNGUAS BANTU	PORTUGUÊS	OUTRAS LÍNGUAS
1980	98.8	1.2	<sup>1</sup>
1997	93.0	6.5	0.5
2007	85.2	10.7	4.1

*Fonte:* adaptação da tabela do INE (2010) sobre Censos de 1980, 1997 e 2007 (*Apud* PISSURNO, 2018, p. 80).

A tabela revela que, apesar de ter havido um crescimento significativo do número de falantes de Português, o percentual de falantes maternos das línguas locais se mantém elevado, ainda que tenha decrescido ao longo dos anos. Esses dados também demonstram a alta taxa de coexistência das línguas na sociedade, visto o alto índice de indivíduos que têm as línguas bantu como língua materna e o aumento do número de falantes que declaram ter adquirido a LP, que passou de 1.2% a 10.7% no intervalo de cerca de 30 anos. A Língua Portuguesa, embora já assumisse a posição de 2ª língua mais falada pela população, ainda coexistia fortemente com diversas línguas locais, como pode ser notado na figura a seguir.

<sup>1</sup> Neste ano, o Censo não controlou a presença de outras línguas.

**Figura 1:** Mapa das línguas locais faladas nas províncias de Moçambique.



Fonte: Adaptado de [www.lahistoriaconmapas.com/atlas/country-map09/mozambique-language-map.htm](http://www.lahistoriaconmapas.com/atlas/country-map09/mozambique-language-map.htm)

Cabe ressaltar que, embora as línguas locais sejam recorrentes tanto na área urbana quanto na área rural, a exposição da LP aos falantes dessas áreas acontece de forma diferente, conforme aponta Pissurno (2018). Enquanto nas províncias rurais e mais isoladas não há qualquer estatuto sociopolítico que favoreça seu emprego para além do contexto escolar, nas áreas mais urbanas, a LP constitui-se em meios sociointeracionais diversos, estabelecendo-se como mais usual para os falantes. Dessa forma, embora os moçambicanos de ambas as áreas tenham acesso ao Português por meio instrucional, é mais provável que o indivíduo do meio urbano, quando começa a frequentar a escola, possua maior proficiência no uso da LP.

Tendo em vista o intenso contato das diversas línguas na sociedade, fator que repercute na imprecisão acerca da classificação do falante em relação à aquisição da LP, em especial na área urbana, revelou-se necessário observar não só as declarações dos indivíduos, mas também seu perfil quanto às práticas de uso da Língua Portuguesa. Isso porque não é possível afirmar que os falantes, mesmo que talvez de forma desproporcional, não tenham algum tipo de contato com as línguas locais (PISSURNO, 2018). Ademais, a estima extremamente positiva vinculada à LP, que se configura como língua de prestígio na

sociedade e ocupa espaço na escola, pode favorecer que os informantes prefiram ser reconhecidos como falantes de língua materna (PISSURNO, 2018).

Para o presente trabalho, como o propósito maior é o de fazer um primeiro mapeamento dos usos por falantes moçambicanos, foram utilizadas todas as entrevistas (no total de 35) do *corpus* citado, que conta com participantes de perfis bastante variados: homens e mulheres de diferentes faixas etárias – 18 a 35 anos; 36 a 55 anos; acima de 55 anos – e níveis de escolaridade – ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. Considerando a totalidade das entrevistas – a fim de apresentar um panorama geral quanto ao uso da concordância de 1PP –, não é possível contar com um padrão rigoroso em relação ao número de informantes por faixa etária, sexo e nível de escolaridade, pois, além das entrevistas básicas – um casal de informante por célula –, conta-se com todas as demais que foram realizadas, como se pode observar a seguir.

**Quadro 1:** Distribuição dos participantes entrevistados<sup>2</sup>.

Escolaridade/ Idade/Sexo	Ensino Primário		Ensino Secundário		Ensino Superior	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher	Homem	Mulher
Faixa A (18 a 35 anos)	A1H	A1M	A2H	A2M	A3H	A3M
	A1Hb	A1Mb		A2Mb		
				A2Mc		
				A2Md		
				A2Me		
A2Mf	A3Hb	A3Mb				
Faixa B (36 a 55 anos)	B1H	B1M	B2H	B2M	B3H	B3M
	B1Hb			B3Hb		
	B1Hc			B2Mc	B3Hc	B3Mb
Faixa C (acima de 56 anos)	C1H	C1M	C2H	C2M	B3Hd	
					C3H	C3M
					C3Ma	

## 4.2. Procedimentos

Tendo o intuito de alcançar os objetivos pré-estabelecidos, diversas etapas de investigação foram cumpridas ao longo do desenvolvimento deste trabalho. Dessa forma, estes foram os procedimentos adotados:

<sup>2</sup> As células brancas indicam que, de acordo com a declaração do entrevistado, o falante adquiriu a LP como língua materna e as células de cor cinza indicam que o falante a adquiriu como L2/LE.

- 1- Leituras de base teórica e descritiva sobre a perspectiva variacionista e sobre a expressão de 1PP em variedades do Português, que fundamentam esta pesquisa.
- 2- Definição das variáveis que poderiam se revelar favorecedoras da (não)-concordância padrão.
- 3- Coleta de fragmentos enquadrados no foco de investigação – ocorrências de verbos relacionados com sujeitos de primeira pessoa do plural – após observação e leitura das entrevistas do *Corpus* Moçambique-PORT.
- 4- Codificação dos dados segundo as variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas, descritas na Seção 4.3.
- 5- Tratamento dos dados com o auxílio do pacote de programas Goldvarb-X com o intuito de verificar o comportamento das ocorrências em termos quantitativos, considerando cada contexto controlado, e, assim, interpretar os resultados quanto às hipóteses iniciais.
- 6- Descrição e interpretação dos resultados obtidos.

### **4.3. Descrição das variáveis**

Considera-se que a escolha de uma variante em detrimento da outra não se dá aleatoriamente. A partir disso, buscou-se controlar os fatores linguísticos e extralinguísticos que poderiam (des)favorecer o emprego das variantes padrão e não padrão de 1PP. Para o estabelecimento desses fatores, consideraram-se variáveis apontadas como relevantes em estudos anteriores (PISSUNO, 2017; GONÇALVES, 2015; BRANDÃO & VIEIRA, 2014).

#### **4.3.1. Variável dependente**

A variável dependente adotada neste trabalho é de ordem binária e propõe-se a verificar a presença ou ausência da marca de pluralidade das formas verbais de 1PP, em duas sub-amostras, uma com os dados de *nós* e outra com os de *a gente*.



**Quadro 2:** Variável dependente: fatores e exemplificação.

<b>Variável dependente: concordância padrão x concordância não padrão</b>	
<b>Concordância padrão</b>	mas <i>nós entendemos</i> (A1H) / <i>a gente trabalha</i> mais com expressões (A2H)
<b>Concordância não padrão</b>	na política <i>nós não pode entrar</i> (C1H) / <i>a gente cantamos</i> <sup>3</sup>

#### 4.3.2. Variáveis independentes

Essas variáveis dizem respeito ao conjunto de condicionamentos linguísticos e sociais que podem favorecer a concordância verbal de 1PP. O controle desse grupo de fatores foi motivado pelas hipóteses levantadas no presente trabalho e também em estudos anteriores, seja de 1PP, seja de 3PP.

##### 4.3.2.1. Variáveis extralinguísticas

###### a. Faixa etária

Os informantes desta amostra são separados por três faixas etárias, sendo A correspondente aos indivíduos de 18 a 35 anos, B aos de 36 a 55 anos, e C aos indivíduos a partir de 56 anos.

Os dados são analisados a fim de observar se a faixa etária poderia favorecer a concordância verbal de primeira pessoa, tendo em vista que a definição da Língua Portuguesa como oficial se deu há cerca de 44 anos, visto sua implementação logo após a Independência do país em 1975. O presente trabalho, apoiado nas considerações feitas por Pissurno (2017), assume a hipótese de que a LP poderia ter sofrido mudanças devido a este acontecimento e que os participantes poderiam repercutir essa mudança geracional. Isso porque os indivíduos da faixa B nasceram nesse momento de alteração da língua oficial – período no qual as línguas locais eram evitadas e, em certos contextos sociais, “proibidas” –, os falantes da faixa A nasceram tendo essa mudança já estabilizada, de forma que a LP era tida como oficial,

<sup>3</sup>O projeto não encontrou nenhum dado de alternância de pluralidade relacionado ao pronome *a gente*; desse modo, foi registrada apenas a variante padrão. Por essa razão, a sentença usada para exemplificar a concordância não padrão foi criada pelo pesquisador.

coexistindo mais naturalmente com as línguas locais, enquanto os falantes da faixa C, apesar de participarem efetivamente do momento de transição, foram poucos expostos à LP no ensino formal público.

A faixa A teria comumente o Português como L1, por terem nascido entre 1982 e 1999, cerca de, no mínimo, 7 anos após a independência do país, contexto em que esta já era a língua prestigiada, de uso geral nas instituições e nos ambientes de prestação de serviço. A faixa B, por outro lado, agregaria, ao que parece, os reais representantes do Português como L1, aqueles que nasceram no período entre o processo de independência e o pós-independência (já que nasceram por volta dos anos 1962-1981). Destacam-se, aqui, os indivíduos que nasceram após 1975, período em que as línguas locais eram proibidas na escola e até mesmo em algumas residências. Enquanto que a faixa C agrega falantes de perfis bastante distintos. De um lado, aqueles que são praticamente portugueses, nascidos de casamentos entre os brancos e as africanas no período colonial (PISSURNO, 2017, p. 109 e 110)

#### b. Escolaridade

A partir desta variável, tem-se o intuito de verificar o domínio das regras de preenchimento da concordância de 1PP em relação ao nível de escolaridade. Para tanto, conta-se com três níveis de escolaridade: ensino básico (até 9 anos de escolaridade), ensino secundário (de 10 a 12 anos de escolaridade) e ensino superior (nível universitário). Como hipótese inicial, espera-se que, quanto maior for o nível de escolaridade, maior será o favorecimento da concordância padrão pelos falantes, especialmente a concordância verbal com o sujeito pronominal *nós*. Isso porque o modelo escolar moçambicano é inspirado na norma padrão do Português europeu, segundo a qual o fenômeno de concordância se faz altamente produtivo nos casos em que se tem o pronome *nós* como sujeito – sendo regra categórica – e menos produtivo nos casos em que se tem o pronome *a gente* como sujeito – sendo regra variável (VIEIRA; BRANDÃO, 2014).

Por outro lado, Pissurno (2017) ressalta a dificuldade de comprovar tal hipótese devido ao intenso contato dos falantes com a LP presente em diversas situações sociointeracionais na área urbana, fator que favoreceria que indivíduos menos escolarizados apreendessem o comportamento do sistema verbal da LP, produzindo também a variante padrão.

#### c. Sexo/gênero

Labov (1982) e Paiva (2004) ressaltam a influência do fator sexo no que diz respeito aos processos variáveis, sugerindo que a mulher teria preferência pelo emprego de formas prestigiadas. Contudo, Pissurno (2017) resalta a necessidade de um olhar mais atento para a organização social da comunidade. Isso porque os prototípicos perfis antes relacionados à mulher estão em alteração, visto que sua crescente inserção no mercado de trabalho e nos estudos revela que não se pode atribuir ao sexo feminino a mesma restrição ao contato social, e, em relação a Moçambique, ao emprego da LP.

Assim, esse panorama passou por diversas modificações, de forma que se observa, por meio das entrevistas realizadas, um perfil mais ativo da mulher moçambicana.

- (1) agora nós somos mais independentes ((risos)) agora maioria de jovens mesmo não dependem dos namorados do marido não não aceitam mais... agora trabalham estudam cuidam da casa conseguem fazer um pouco de tudo... (PMOA2M)

A partir da inserção progressiva da mulher nos contextos escolares e profissionais, pode-se sugerir que essa mudança possa favorecer o emprego da concordância padrão.

#### d. Português como L1 ou L2

Pissurno (2017) revela que a forma de aquisição da LP influencia a concordância verbal padrão de 1PP, tendo em vista que cada língua tem formas distintas de denotar noções gramaticais. Considerando os dados de concordância verbal de 3PP, a autora comprova que os falantes que supostamente adquiriram a LP como materna possuem maior probabilidade de realização da regra de concordância padrão pressuposta pela sociedade.

Armando Ribeiro (*apud* PISSURNO, 2017, p. 113) revela que o comportamento gramatical do sistema de concordância verbal operante nas línguas bantu é diferente do apresentado na Língua Portuguesa. Ele afirma que a marcação de pluralidade nas línguas locais seria feita por meio de elemento prefixal, diferentemente da LP, que é realizada por meio de elemento sufixal. Ademais, a maioria dos falantes entrevistados na amostra utilizada neste trabalho, quando diz ter adquirido a língua local como materna, se refere à língua Changana, mais usual na região urbana de Maputo. Ngunga e Simbini (2012) atestam que, em tal língua, há prefixos nominais que controlam a concordância entre o sujeito e o verbo.

A partir dessas informações, foi elaborada a hipótese de que a aquisição da LP como materna favoreceria a marcação padrão de pluralidade, uma vez que o indivíduo desenvolveria o comportamento do sistema de concordância verbal da LP.

Considerando as próprias declarações dos informantes durante a entrevista<sup>4</sup>, muitos demonstraram ser bilíngues, falantes das línguas locais e do Português, embora diversos participantes assumam que primeiro adquiriram a Língua Portuguesa em situação familiar e, no convívio social, tenham aprendido Changana. Mais especificamente, a amostra desta pesquisa conta com 25 participantes que declaram ter adquirido a LP como L1 – células brancas – e 10 como L2 – células cinzas –, como o Quadro 1 (cf. Seção 4.1) expõe.

#### e. Emprego e/ou compreensão da LP

Como já mencionado na variável anterior, Pissurno (2017; 2018) revela que a aquisição da LP como materna favorece a realização da concordância verbal, visto que tais indivíduos adquirem o padrão de concordância atuante no sistema da LP – fator que tende a propiciar o efetivo emprego da regra padrão. Contudo, falantes de LP como L2, quando inseridos em situações de alto emprego do Português, podem apreender de forma igualmente precisa as noções gramaticais do sistema e usá-las com destreza. Assim, tem-se por hipótese que o frequente emprego da LP em múltiplos contextos também seria um fator que favoreceria o uso da marcação padrão de pluralidade.

#### f. Informante

Pissurno (2017), ao discutir sobre o *corpus* Moçambique-PORT (VIEIRA; PISSURNO, 2016), evidencia a necessidade de um olhar mais atento para cada falante a fim de compreender como se estabelecem as relações na variedade moçambicana do Português. Com base nisso, o presente trabalho também criou o grupo de controle de cada entrevistado, a fim de verificar a particularidade do perfil, considerando se as experiências pessoais – tendo em vista a origem e identidade linguística – (des)favorecem o emprego da concordância padrão.

---

<sup>4</sup> Embora esta não seja a forma ideal de aferir o perfil dos indivíduos quanto ao emprego da LP em Moçambique, este é o único critério de que se dispôs no momento da pesquisa para controlar a suposta proficiência dos indivíduos quanto ao uso do Português. Sem dúvida, outras investigações terão de se aprofundar no tema da aquisição e da aprendizagem formal das línguas em Moçambique.

#### 4.3.2.2. Variáveis linguísticas

##### a. Expressão e explicitude do sujeito

A expressão do sujeito do verbo de primeira pessoa do plural – se adota a forma *nós* ou a forma *a gente* – constitui tema relevante na descrição das variedades do Português. O pronome *nós*, visto como forma pronominal de prestígio para a concordância de P4, vem, progressivamente, concorrendo com a forma inovadora *a gente* (BRANDÃO; VIEIRA, 2011). Apesar de esta ainda não ser amplamente abordada nos instrumentos normativos adotados na escola brasileira, o padrão de covariação entre os pronomes mantém-se no PB, sendo *a gente* a forma preferencial na fala brasileira em diversos estratos sociais (cf. VIANNA, 2012).

Embora este não seja o tema principal desta pesquisa, controla-se a forma de expressão do sujeito a fim de verificar se o *status* de covariação entre os pronomes *nós* e *a gente* no Português de Moçambique segue a mesma tendência apresentada nas variedades brasileira e europeia.

##### b. Paralelismo formal

Tendo em vista a alta produtividade do apagamento do sujeito de primeira pessoa do plural após um sujeito pronominal expresso na oração anterior, esta variável foi controlada com o intuito de analisar se haveria ou não a manutenção da forma linguística do verbo na segunda oração. Em outras palavras, buscou-se verificar se a forma verbal presente na primeira oração tenderia a manter-se na oração seguinte – por exemplo: “mas *nós entendemos* o jeito de moçambicano... já *sabemos* que fulano x é da província x através do sotaque” (A1H) –, em que há a manutenção de P4, ou se a forma verbal tenderia a alterar-se, por exemplo – *a gente acaba* conhecendo um bocadinho mais da nossa colega... e: quando há doe:nça... alguma necessida:de... *estamos* diante de uma situação crítica (B2M) –, em que não há a manutenção da forma verbal, a qual passa de P3 – *acaba* – para P4 – *estamos*.

##### c. Saliência fônica

Rubio (2012), ao investigar a CV de 1PP no PB e no PE, demonstra que a saliência fônica é um fator importante para a marcação de pluralidade. A partir disso, o presente trabalho busca, ao controlar esta variável, analisar se maiores níveis de diferenciação fônica

entre as formas verbais resultam em maior marcação de pluralidade, por exemplo: “agora um/crianças de agora não brincam da maneira que *nós brincávamos* há muito tempo” (B1M). Assim, supõe-se que, quanto menor a saliência fônica entre as formas verbais, maior seria a tendência para o cancelamento da marca padrão de CV, por exemplo: “ah se *nós entrar* nesta casa havemos de sair com coisas” (B1M).

#### d. Posição do sujeito

Pissurno (2017) e Rubio (2012), ao considerarem a posição pré-verbal e pós-verbal do sujeito em relação ao verbo, revelam que a anteposição do sujeito favorece a marcação padrão de pluralidade ao analisar a concordância de terceira pessoa do plural. Dessa forma, o presente trabalho, ao investigar a primeira pessoa do plural, assume como hipótese que a posposição do sujeito desfavoreceria a concordância padrão, enquanto a anteposição do sujeito a favoreceria.

#### e. Tempo e modo verbal

Rubio (2012) aponta a influência da variável tempo e modo verbal para a CV, segundo a qual a categoria do presente do indicativo favoreceria o emprego de formas verbais de 3PS e a categoria do pretérito perfeito do indicativo favoreceria o uso de formas verbais de 1PP, independentemente da forma pronominal de sujeito. Assim, o presente trabalho controlou esta variável com o intuito de verificar se essa também seria a tendência para a CV no PM.

#### f. Grau de determinação do sujeito

Rubio (2012) demonstra que estudos sobre a CV consideraram o grau de determinação do sujeito como um fator relevante para a marcação de pluralidade (MONTE, 2012; OMENA, 2016). De acordo com esses estudos, o traço semântico do sujeito com referente específico e definido favorece a marca de 1PP, enquanto sujeitos com referência genérica e indefinida favorecem a marca de 3PS, independentemente do tipo de expressão do sujeito. A partir disso, buscou-se controlar esta variável a fim de investigar se o mesmo comportamento ocorre no fenômeno de CV de 1PP no PM.

#### g. Distância entre o sujeito e o verbo

Procurou-se controlar esta variável visto que estudos anteriores sugerem a influência da distância entre o sujeito e o verbo para o emprego da CV (PISSURNO, 2017; GONCALVES, 2015). Propõe-se que, quanto maior a distância entre o sujeito e o verbo, maior seria o desfavorecimento da marcação padrão de pluralidade.

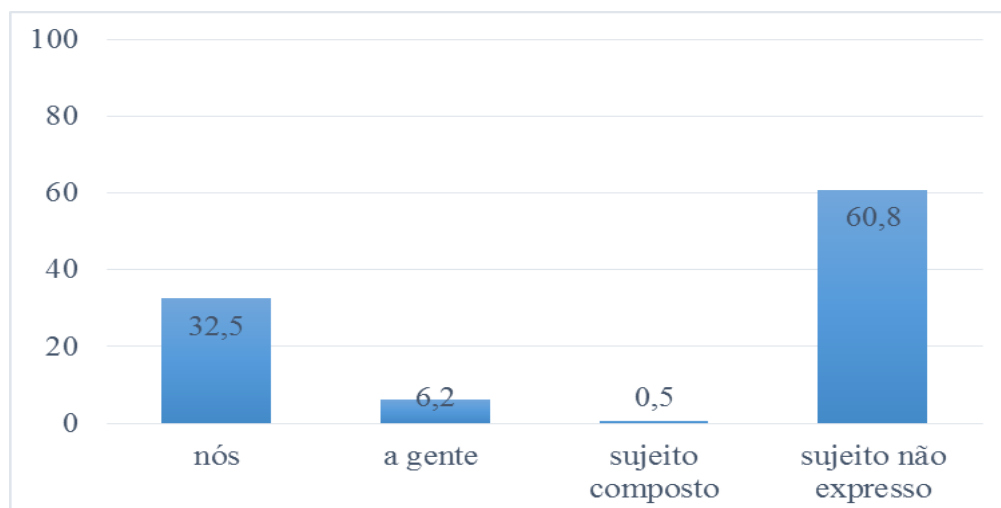
## 5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção, serão analisadas quantitativamente e qualitativamente as ocorrências referentes à concordância verbal de primeira pessoa do plural na variedade urbana do PM, a fim de verificar o *status* do fenômeno em questão.

### 5.1. Distribuição geral dos dados

A partir das 35 entrevistas exploradas, foi obtido o total de 1757 dados de 1PP. As ocorrências coletadas foram tanto de sujeito não expresso (60.8%), quanto de sujeito expresso (39.2%) – sujeito pronominal *nós* e *a gente*, além de sujeito composto –, como pode ser observado no gráfico a seguir.

**Gráfico 1:** Distribuição dos dados quanto à expressão de sujeito de 1PP.



Como se pode verificar a partir do gráfico, o falante demonstra maior preferência pelo uso do sujeito não expresso na construção do padrão verbal de 1PP, e quando o sujeito expresso é empregado, há maior uso do sujeito pronominal *nós* em comparação com o das formas de sujeito pronominal *a gente* e do sujeito composto.

Na segunda etapa desta análise, os dados de sujeito não expresso foram desconsiderados, uma vez que a ausência da expressão de sujeito não assegura, com precisão, se foi estabelecida uma relação de concordância formal entre o sujeito e o verbo. Dessa forma, para se investigar o fenômeno de concordância verbal, a coleta restringiu-se a dados nos quais a forma de sujeito estivesse expressa na oração. Com a delimitação feita, a análise passa a contar com o total de 688 dados.

Primeiramente, em termos de distribuição geral das ocorrências, cabe observar o perfil estrutural do sujeito de primeira pessoa plural em análise. Em relação aos sujeitos expressos, notou-se que o pronome *nós* se mostrou altamente produtivo (82,9%), seguido pelo pronome *a gente* (15,8%) e, por fim, pela expressão de sujeito composto (1,3%).

Os resultados indicaram que a concordância padrão com qualquer das formas pronominais apresenta alta produtividade (96,9%), como pode ser visto na tabela a seguir:

**Tabela 2:** Distribuição geral dos dados de 1PP quanto à marcação de pluralidade.

	Valores absolutos	Percentuais
Concordância padrão	667/688	96,9%
Concordância não padrão	21/688	3,1%

Tendo em vista os resultados, que demonstram alta preferência dos falantes pela marcação padrão de pluralidade, pode-se sugerir que a regra atue como semicategórica (LABOV, 2003) no comportamento da fala moçambicana em meios urbanos. Este resultado segue a tendência da concordância verbal de 3PP apresentada por Pissurno (2017), o que indica que a variedade urbana do Português de Maputo apresenta alta realização da variante prestigiada.

Embora os dados revelem essa alta taxa de produtividade da concordância padrão com qualquer das formas pronominais, a observação das 21 ocorrências de não marcação padrão permitiu desenvolver a análise mais detalhada das tendências da referida amostra. Nesse



sentido, percebeu-se que um único falante<sup>5</sup> foi o responsável pela produção de 17 das ocorrências. Todas essas ocorrências tinham o pronome *nós* como sujeito, como demonstram os exemplos a seguir, que registram, além da forma verbal de 3PS (como *nós devia lutar*), a forma verbal de 3PP (como *nós são*).

- (2) eles querem nosso país *nós devia lutar* até ficar com ele epá... (PMOC1H)
- (3) a pessoa sabe que *nós tem* sofrimento... (PMOC1H)
- (4) eu já estou a ir... guardare esses faculdade... num fomos sozinho... *nós são* branco já não queremos aqui em Moçambique... (PMOC1H)
- (5) é que *nós* que não sabe nada não *entra* na política... na política *nós* não *pode entrar*... ele... *nós são* mulher do governo... vai ver ele qual é a prática para viver com nós... (PMOC1H)

Além dessa inesperada concordância com a forma verbal de 3PP, observou-se que, do total de 18 ocorrências de 1PP produzidas por esse falante, 17 não seguem a concordância padrão. Desses 17 dados, 14 apresentam a concordância com a forma verbal de 3PS e 3 com a forma verbal de 3PP. Outro fato a descrever é que nessas três ocorrências de 3PP ocorreu a forma verbal “são”, que possui alto grau de saliência em relação à forma de 3PS, “é”.

Ao analisar a alta produtividade de concordância não padrão na fala desse único falante, foi necessário observar seu perfil sociolinguístico, a fim de compreender que características e contextos poderiam estar relacionados a esse comportamento linguístico.

O indivíduo que produziu esses 17 dados de ausência de marcação de plural no verbo é o falante que apresenta particularidades em relação ao uso da LP. O informante, que é homem, possui 75 anos e afirma apenas ter concluído o ensino primário. Nascido em Gaza, ele diz ter chegado a Maputo aos 17 anos e ter trabalhado muito tempo como guarda da Universidade Eduardo Mondlane. Ele assume que aprendeu a LP com um amigo com intuito unicamente profissional, pois fazia mais uso de sua língua materna no dia a dia, que é o Changana. Apesar de precisar utilizar a LP no ambiente profissional e estar há bastante tempo na “cidade grande”, as entrevistadoras relataram apresentar certa dificuldade, por vezes, para compreendê-lo. A partir disso, sugere-se que esse comportamento em relação à língua pode

---

<sup>5</sup> Na Seção 5.2.2, será apresentado o detalhamento de todas as ocorrências sem marca padrão de pluralidade.

ser um reflexo da baixa proficiência do indivíduo mediante o emprego da LP em contextos restritos de fala, supostamente pelo fato de o falante não ter ativado plenamente o padrão de concordância do Português, que é totalmente diferente do de sua língua materna.

Já no que diz respeito à marcação de alternância de pluralidade em relação à distribuição geral dos dados, vale destacar que os dados referentes ao pronome *nós* e ao sujeito composto apresentaram variação (*nós canta/ nós cantamos; eu e ela cantamos/ eu e ela canta*), enquanto essa variação não foi encontrada nos dados referentes ao pronome *a gente* (*a gente canta*).

**Tabela 3:** Distribuição dos dados de verbos de 1PP com marcação padrão de pluralidade e a expressão do sujeito.

Concordância padrão		
Forma do sujeito expesso	Valores absolutos	Percentuais
<i>a gente</i>	109/109	100%
<i>nós</i>	550/570	96,5%
sujeito composto	8/9	88,9%

Os resultados relativos à forma do sujeito expesso demonstram que a variedade urbana do PM, apesar da alta produtividade da concordância padrão, não se assemelha, em termos qualitativos, aos padrões de concordância do PE (Cf. BRANDÃO; VIEIRA, 2014), visto que este último apresenta regra categórica de concordância com o pronome *nós*, enquanto o PM apresenta regra semicategórica, e regra variável com o pronome *a gente*, enquanto o PM apresenta regra categórica.

Essa notável diferença entre as variedades moçambicana e europeia do Português gera questionamentos quanto à origem dos dados de não marcação padrão em relação ao pronome *nós* e à ausência de dados de mesma natureza em relação ao pronome *a gente* no PM. Ao analisar os resultados obtidos, pode-se perceber que, quando se verifica a marcação não padrão, esta é sempre no sentido de menor número de marcas; observa-se a não expressão ou não marcação de 1PP, ao contrário do que ocorre no PE, em que, quando se verificam dados de marcação não padrão, esta é no sentido de maior número de marcas plurais. Em outras palavras, encontram-se construções como *nós canta* no PM, mas não como *a gente cantamos*, que se registra no PE.

Dessa forma, não se tratando de uma influência europeia, supõe-se que o comportamento dos dados possa estar relacionado, em alguma medida, à pluralidade linguística presente na sociedade moçambicana, seja pelo padrão da construção de plural em verbos das línguas locais (principalmente na língua Changana, a mais falada pelos informantes da amostra), que é feita por meio de um elemento prefixal, seja pela relação de contato interlinguístico e possível desgaste da expressão morfológica de concordância. Em outras palavras, tem-se por hipótese que a situação de multilinguismo pode estar correlacionada ao fato de a concordância não padrão ser feita sempre “para menos” – por exemplo: *nós canta*, como ocorre em variedades brasileiras – e nunca “para mais” – por exemplo: *a gente cantamos*, como ocorre também em variedades europeias. Para certificar-se da real influência das línguas locais, o presente trabalho pretende aprofundar, em pesquisas posteriores, o estudo sobre teorias de aquisição, bilinguismo e aprendizagem de L2.

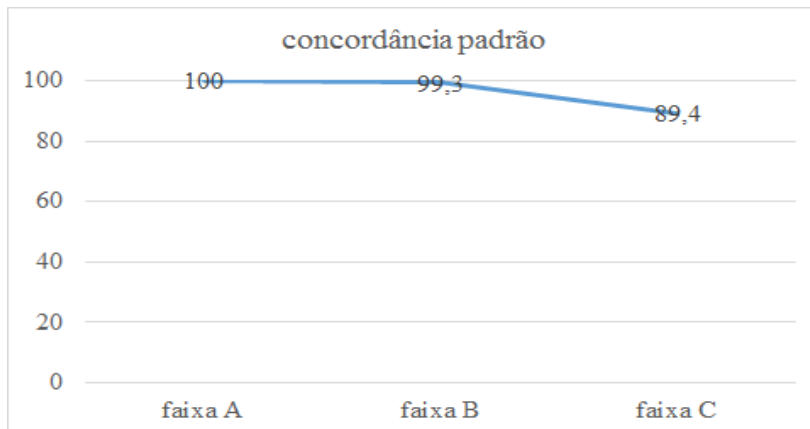
## **5.2. Comportamento das variáveis independentes**

Sendo o fenômeno de concordância verbal de 1PP semicategórico na variedade em questão, não foi possível realizar a análise estatística multivariada, por não se tratar efetivamente de uma regra variável. Desse modo, o presente trabalho aprofundou a investigação sobre os resultados a partir de alguns índices percentuais e de uma análise qualitativa das ocorrências, a fim de compreender as características e os contextos que, em alguma medida, estão relacionados ao fenômeno discutido.

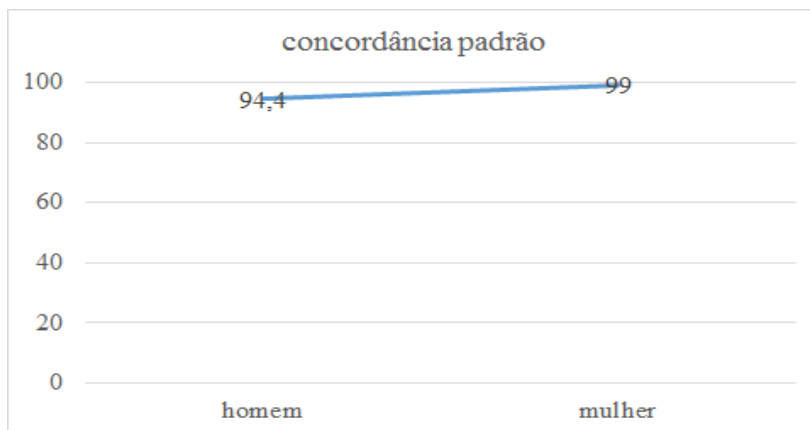
### **5.2.1. Variáveis extralinguísticas**

Tendo em vista o perfil dos indivíduos que não realizam a concordância padrão, pode-se perceber o provável aumento na marcação de plural nos verbos de 1PP de acordo com a idade do falante e com o sexo; assim, tanto os indivíduos mais jovens (faixa A) como as mulheres tenderiam a produzir maior marcação padrão de pluralidade do que os mais velhos (faixa C) e os homens, como pode ser observado no gráfico a seguir:

**Gráfico 2:** Distribuição dos dados de verbos com marcação de 1PP segundo *faixa etária*.

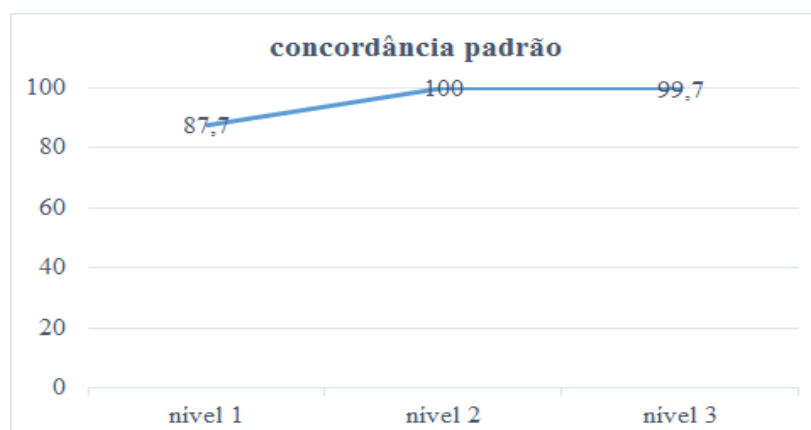


**Gráfico 3:** Distribuição dos dados de verbos com marcação de 1PP segundo *sexo*.



A variável escolaridade sinaliza que os falantes que possuem o grau secundário (nível 2) e superior (nível 3) completos possuem maior preferência pelo emprego da CV padrão. Já os falantes que possuem apenas o ensino básico (nível 1) foram os que efetivamente apresentaram índices de cancelamento da CV padrão, como pode ser visto no gráfico a seguir:

**Gráfico 4:** Distribuição dos dados de verbos com marcação de 1PP segundo *escolaridade*.



Como já dito acima, não se podem propor generalizações a respeito dessas variáveis, tendo em vista que os falantes que não apresentam alta taxa de produtividade da concordância não padrão são raros e têm um perfil sociolinguístico particular. Desse modo, a observação dessas variáveis extralinguísticas cumpre apenas o papel de debater a hipótese de que, em se tratando de falantes moçambicanos que não tenham o Português como L2 e/ou o empreguem em circunstâncias interacionais particulares, como no caso desses indivíduos, a realização da concordância assumiria feições bem diferentes.

A esse respeito, em relação à variável *Português como L1 ou L2*, constatou-se, como apontavam estudos anteriores (PISSURNO, 2017, 2018), que, ao adquirir a LP como materna, o falante tende a realizar a concordância padrão, como pode ser observado nos resultados da tabela a seguir:

**Tabela 4:** Distribuição dos dados de verbos com e sem marcação de 1PP segundo *Português como L1 ou L2*.

	L1		L2	
	Valores absolutos	Porcentagem	Valores absolutos	Porcentagem
Concordância padrão	488/490	99,6%	179/198	90,4%
Concordância não padrão	02/490	0,4%	19/198	9,6%

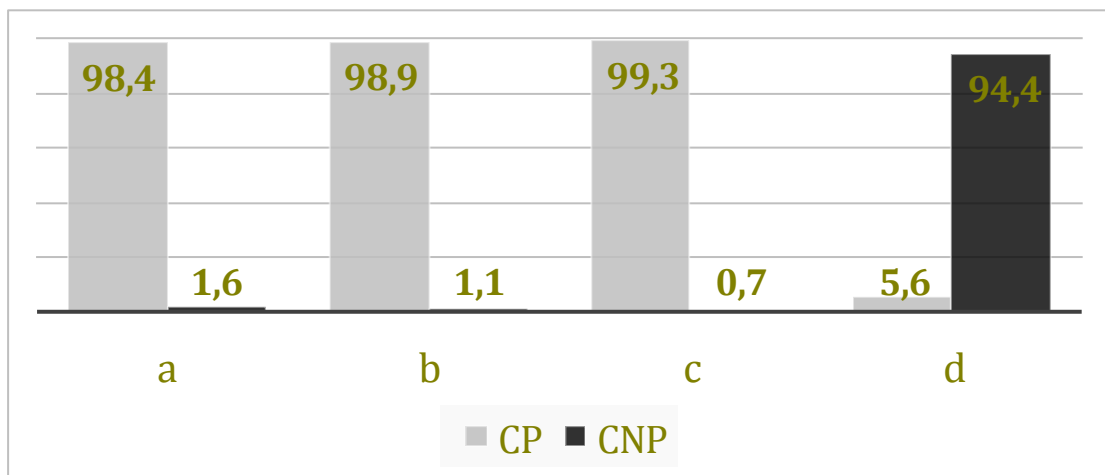
Os resultados obtidos mostram que, em relação aos falantes que declaram ter adquirido a LP como L1, o fenômeno de concordância verbal da 1PP tende a seguir a regra categórica de marcação de pluralidade; entretanto, os falantes que declaram ter a LP como L2 manifestam o comportamento de uma regra variável.

Ao abordar a variável relacionada à aquisição da LP, Pissurno (2017), estudando a concordância verbal de 3PP, adverte que falantes de LP como L2 poderiam, assim como os falantes maternos, usar naturalmente o sistema padrão de concordância da LP quando inseridos em contextos onde o emprego do Português se faz usual. Dessa forma, ao analisar a variável *Emprego e/ou compreensão da LP*, pode-se perceber, assim como constata a autora, que os falantes bilíngues introduzidos em situações de imenso contato com a LP tendem a realizar a marcação padrão de pluralidade, como pode ser visto na Tabela 4.

Legenda dos quatro níveis de emprego e/ou compreensão da LP pelos informantes considerados para esta variável:

- Aqueles que afirmam falar apenas Português.
- Aqueles que declaram falar Português e apenas “compreender um pouco” as línguas locais, não sendo capazes de estabelecer comunicação com as mesmas.
- Aqueles que se dizem falantes fluentes de Português e uma (ou mais) línguas locais, a depender do contexto em que se encontram.
- Aqueles que se declaram usar o Português somente em casos de necessidade, pois, na maior parte do tempo, comunicam-se em línguas locais.

**Gráfico 5:** Distribuição dos dados de verbos com e sem marcação de IPP segundo *Emprego e/ou compreensão da LP* pelos participantes.



Como se pode perceber, a concordância padrão revela-se altamente produtiva em contextos em que a LP é frequentemente empregada pelo falante (grupos a, b e c), enquanto que, em contextos de baixa frequência (grupo d), o uso da concordância não padrão se torna preferencial pelo informante. Diferentemente do esperado, os resultados demonstraram que o emprego concomitante da LP e das línguas locais não indica tendência ao cancelamento da marca padrão de pluralidade, apresentando, assim como no caso dos grupos a e b, taxa semicategórica de concordância padrão. Por outro lado, como se esperava, o baixo emprego da LP – grupo d – em situações comunicativas diversas parece desfavorecer a marcação padrão. Ademais, vale lembrar que o falante C1H – o qual produziu quase totalidade das ocorrências de concordância não padrão – é o único que se adequa ao grupo d.

Embora o número de informantes que integra cada grupo não seja equilibrado e essa realidade possa estar determinada pelo desempenho de poucos falantes, esses resultados preliminares são relevantes para o estabelecimento de metas (quanto à constituição de novos *corpora* e quanto à análise de dados) a serem perseguidas com a continuidade da investigação da variedade moçambicana do Português.

### **5.2.2. Variáveis linguísticas**

Como já dito, a concordância de 1PP na variedade do Português de Moçambique se mostrou uma regra semicategórica, não sendo possível, assim, obter, por meio de análise estatística multivariada, a seleção de grupos de fatores relevantes ao condicionamento do fenômeno. Contudo, tendo o intuito de analisar qualitativamente os resultados obtidos, o trabalho buscou descrevê-los mais detalhadamente para uma melhor investigação.

Tendo em vista que foram obtidos poucos dados de concordância não padrão, propõe-se a análise das variáveis linguísticas quanto à não marcação de pluralidade por meio da observação das próprias ocorrências. Do total de 688 dados, 3,1% foram de concordância não padrão – representando as 21 ocorrências –, enquanto 96,9% foram de concordância padrão – representando 667 ocorrências.

Pode-se perceber que apenas 4 informantes são responsáveis pelos 21 dados de não concordância padrão, de forma que C1H produz 17 dados, B1M 2 dados e C1M assim como C3M produzem, cada um, 1 único dado. Inicialmente, a discrepância entre a realização de ocorrências já pode ser observada, como já debatida anteriormente.

Além disso, algumas estruturas linguísticas presentes nesses 21 dados também chamam a atenção por suas recorrências, no que se refere aos seguintes fatores: tempo verbal, posição do sujeito, distância entre o núcleo do sujeito e o verbo, tipo de construção verbal, como pode ser observado no quadro a seguir.

**Quadro 3:** Ocorrências de marcação não padrão em verbos de IPP consoante estruturas sintáticas.

Dados de concordância não padrão	
Tempo verbal	É muito difícil pra <b>nós conseguir</b> entrar na faculdade. (B1M)
	Eu sou pobre eles também conseguem ver que "ah se <b>nós entrar</b> nessa casa havemos de sair com coisas. (B1M)
	Quando mudou a casa aqui no (Bragança)... Diz que agora tudo ia ( )... <b>Nós ter que abrir</b> uma nova faculdade... (C1H)
Posição do sujeito	Então... <b>Tava eu e o meu filho mais velho</b> ... Esperamos ATÉ de madrugada pra ver ela correr. (C3M)
Distância entre o sujeito e o verbo	<b>Nós os mais antigos faz</b> muita confusão na profissão assim da polícia. (C1M)
	Na política <b>nós não pode entrar</b> . (C1H)
	<b>Nós não pode mais (rezar)</b> ... VAMOS à força... (C1H)
	<b>Nós não devia negar</b> a oportunidade de ajudar Moçambique. (C1H)
	É que <b>nós que não sabe nada não entra</b> na política... (C1H)
	<b>Nós que era da polícia... Não tinha</b> tempo de ir à escola... (C1H)
Oração relativa (pronome <i>que</i> como sujeito)	É que nós <b>que não sabe nada não entra</b> na política... (C1H)
	Nós <b>que era da polícia... Não tinha</b> tempo de ir à escola... (C1H)
	Aquele que estar a agradecer é nós <b>que está vivo</b> . (C1H)
Locução verbal	Querem nosso país <b>nós devia lutar</b> até ficar com ele. (C1H)
	<b>Nós pode ajudar</b> no sítio. (C1H)
	<b>Nós vai fazer</b> uma casa para o (velho)... (C1H)
	Na política <b>nós não pode entrar</b> . (C1H)
	<b>Nós não pode mais (rezar)</b> ... VAMOS à força... (C1H)
	<b>Nós não devia negar</b> a oportunidade de ajudar Moçambique. (C1H)
Outros dados	A pessoa sabe que <b>nós tem</b> sofrimento. (C1H)
	<b>Nós pensa</b> são antiga tramando alguma coisa. (C1H)
	<b>Nós são</b> (mulher) do governo. (C1H)
	<b>Nós são</b> branco já não queremos aqui em Moçambique. (C1H)
	<b>Nós são</b> doutore... (C1H)

Em relação ao tempo verbal, foram realizados dois dados de não concordância padrão, um com a presença da estrutura de infinitivo e outro com futuro do subjuntivo (cuja forma se assemelha à do infinitivo), sendo dois desses realizados pela informante B1M e um pelo informante C1H.



As três sentenças que tinham o pronome *que* como sujeito foram produzidas pelo informante C1H. É possível que a presença desse relativo possa atuar como elemento desfavorecedor da marca de plural na fala desse informante.

No que diz respeito à posição do sujeito, foi realizado pela informante C3M apenas um dado de marcação não padrão com um sujeito composto e posposto ao verbo. Essa ocorrência de CV com sujeito coordenado deve ser analisada com maior detalhamento, visto que a GT considera que a concordância pode ser feita com o termo mais próximo do verbo. Dessa forma, verifica-se um dado que pode ser analisado tanto como concordância padrão quanto como concordância não padrão.

Chamam atenção, ainda, as estruturas em que se verifica distância entre o núcleo do sujeito e o verbo e aquelas constituídas de locução verbal, ambas com um total de 6 ocorrências. Desses dados de distância, cinco foram produzidos pelo informante C1H e um foi produzido pela informante C1M. Por outro lado, no caso das locuções verbais, os 6 dados foram produzidos por um único informante, C1H.

Por último, cinco dados de concordância não padrão, também produzidos pelo informante C1H, não possuíam nenhuma estrutura linguística particular aparente que poderia ser responsável pela não marcação padrão. As estruturas dessas construções também chamaram atenção, visto que três dos cinco dados eram concordâncias de nós mais 3PP, estrutura até então não verificada em estudos anteriores de CV de 1PP analisados.

A partir dessa análise, cabe observar que, além do informante C1H ter produzido quase a totalidade das ocorrências de não marcação padrão de pluralidade, as estruturas das suas ocorrências são variadas em relação às estruturas produzidas por outros informantes. Isso porque mesmo a informante que produziu mais de uma ocorrência, a B1M, falante da LP como L2, semelhante a C1H – sendo eles os únicos, dentre os 4 informantes, com esse perfil – , construiu as ocorrências com a mesma estrutura de tempo verbal. Por outro lado, o informante C1H produziu diversas ocorrências com variadas estruturas, algumas dessas até sem algum fator aparente que pudesse influenciar o cancelamento da marca padrão (como, por exemplo, quando o verbo aparece seguido do sujeito, com saliência fônica mínima – *tem e pensa*).

Em linhas gerais, deve-se ressaltar que o comportamento do falante C1H se revela particularmente diferenciado e mais complexo que o dos demais informantes, motivo pelo

qual deve ser analisado com maior aprofundamento o perfil de cada participante da amostra em estudos futuros.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos por meio da análise dos dados confirmaram parcialmente as hipóteses levantadas, já que o fenômeno de concordância de 1PP se mostrou altamente produtivo, estabelecendo-se como uma regra semicategórica (96,9%) na variedade do PM. Contudo, enquanto no PE, cuja norma de uso a princípio serve de modelo para o ensino de LP em Moçambique, a CV de 1PP apresenta *status* de regra categórica em relação ao pronome *nós* e *status* de regra variável em relação ao pronome *a gente* (RUBIO, 2012 – Amostra Lisboa), a CV de 1PP no PM segue um *status* quase oposto em relação aos padrões de concordância com cada uma das formas pronominais em questão. Assim, constatou-se a não marcação de pluralidade apenas nos dados referentes ao pronome *nós*, de forma que foram registradas as variantes do tipo *nós cantamos / nós canta*. Já em relação ao pronome *a gente*, tal variação não ocorreu, de forma que se constatou apenas a variante *a gente canta*.

A partir dos resultados e das análises dos dados realizadas, pode-se atestar que as ocorrências de marcação não padrão de pluralidade se revelam, em relação às variáveis extralinguísticas, mais comuns nas produções de falantes que adquiriram a LP como L2 e que também apresentam pouca frequência de uso da LP. Por outro lado, falantes que adquiriram a LP como língua materna e revelam usá-la preferencialmente apresentaram maior emprego da variante padrão – *nós cantamos / a gente canta*.

Apesar de a regra de CV geral se estabelecer como semicategórica (96,9%), os falantes que supostamente possuíam a LP como L2 demonstraram empregar a variante não padrão – *nós canta* –, de forma que a regra de CV se estabeleceu como variável (90,4%) na fala desses participantes. Embora a regra de CV dos falantes de L1 tenha se estabelecido como semicategórica (99,6%), deve-se destacar que a regra está muito próxima da categórica, o que contribui para que se estabeleça um perfil desses informantes moçambicanos urbanos dentro da sociedade.

Em relação à frequência de uso da LP, os resultados sugerem que a baixa frequência propiciaria o cancelamento da marca padrão de pluralidade, enquanto a alta frequência de uso, o emprego da marca padrão. Por outro lado, a concomitância de uso das línguas locais e da

LP, quando ambas são utilizadas com assiduidade no meio social, não demonstrou constituir um fator desfavorecedor para o emprego da concordância padrão, como se esperava.

No que se refere às variáveis linguísticas, a análise atestou que os dados de concordância não padrão apresentam alguns padrões estruturais recorrentes, sendo esses as construções com infinitivo ou forma semelhante, a posposição do sujeito (sobretudo quando associada ao tipo de sujeito composto), a distância entre o núcleo do sujeito e o verbo, além da presença de locuções verbais. Embora alguns participantes tenham apresentado perfis recorrentes de construção linguística nessas ocorrências sem a concordância padrão, um informante específico (C1H) apresentou um perfil diferenciado dos demais. Esse informante, além de realizar sentenças com as construções já apontadas, também realizou dados com nenhuma construção aparentemente favorecedora para o cancelamento da marcação padrão de pluralidade. Além disso, C1H produziu três ocorrências de concordância de sujeito pronominal *nós* com a forma verbal de 3PP – por exemplo: “*nós são branco*” –, até então não registradas em estudos anteriores analisados. Essas análises revelam que o informante C1H se diferencia dos demais participantes.

O presente trabalho ressalta que os dados de não concordância padrão, especificamente em relação ao pronome *nós*, assim como a ausência de dados da mesma natureza com pronome *a gente*, precisam ser interpretados em termos sociolinguísticos, considerando principalmente a situação de intenso contato linguístico em Moçambique. Cabe, também, investigar a natureza das ocorrências de cancelamento da concordância padrão, tendo em vista a ausência desses dados na norma de referência supostamente adotada nas instituições formais de ensino no referido país. Uma hipótese levantada e a ser aprofundada em estudos posteriores é a de que a ausência da marca sufixal de pluralidade nas línguas locais, como no Changana, poderia ser um forte motivador para o cancelamento da concordância em relação ao pronome *nós*. Assim, diferentemente do PE, a não marcação padrão de concordância de 1PP seria sempre para “menos marcas”, como em *nós cantava*, não se registrando construções como *a gente cantamos*.

Dessa forma, pode-se afirmar que a concordância padrão é altamente produtiva na variedade do PM, principalmente em casos de uso da LP como língua materna. Além disso, embora o número de dados sem a marcação de plural produzidos pelo falante C1H tenha sido expressivo, pode-se constatar que a regra de concordância, embora tenha se mantido semicategórica, alterna de um *status* semicategórico mais próximo do variável quando o falante está incluso na amostra, para um *status* semicategórico mais próximo do categórico quando ele não está.

Por fim, deve-se destacar que o presente trabalho possibilitou maior conhecimento da variedade moçambicana do Português, ainda supostamente em formação, apresentando resultados que motivam novas investigações a respeito do fenômeno da concordância, principalmente em relação às áreas não urbanas de Moçambique. Desse modo, os estudos poderão contribuir para a compreensão dos padrões de marcação de pluralidade, considerando a particularidade no que se refere à influência do *status* multilíngue da sociedade em questão. Com base no avanço das pesquisas, será possível realizar, com mais propriedade, a análise comparativa de variedades da Língua Portuguesa, o que permitirá a compreensão do *status* da LP na sociedade moçambicana em comparação aos padrões verificados nas variedades europeia e brasileira do Português.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. A concordância verbal e nominal no português do Brasil e no português de São Tomé: uma abordagem sociolinguística. *Papia*, v. 22, n. 1, p. 7-40, 2012.

COSTA, B. F.; MONTEIRO, L. S. *A concordância verbal de primeira pessoa do plural nas variedades brasileira e Moçambicana do Português: uma análise variacionista*. Trabalho apresentado na 9ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, 2018.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

GONÇALVES, P. Aspectos morfossintáticos da gramática do português de Moçambique: a concordância nominal e verbal. *Cadernos da ALFA* 7, p. 9-16, 2015.

Instituto Nacional de Estatística. *III Recenseamento Geral da População e Habitação – 2007: indicadores sócio-demográficos*, Moçambique, Maputo, Instituto Nacional de Estatística, 2010.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. Building on Empirical Foundations. In: Lehmann, W. & Malkiel, Y. (eds.) *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982. p. 17-92.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (eds.) *Sociolinguistics: the essential readings*. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2003. p. 234-250.

MONTE, A. *Concordância verbal e variação: um estudo descritivo-comparativo do Português Brasileiro e do Português Europeu*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” – UNESP, São José do Rio Preto, 2012.

MONTEIRO, J. L. *Para compreender Labov*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

NGUNGA, A.; SIMBINI, M. C. *Gramática descritiva da língua Changana*. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA) – UEM: 2012.

OMENA, N. P. As influências sociais na variação entre nós e a gente na função de sujeito. In: OLIVEIRA e SILVA, G. M.; SCHERRE, M.M.P. *Padrões sociolinguísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 309-323.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.

PISSURNO, K. C. S. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural na variedade moçambicana do português: uma abordagem sociolinguística*. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

PISSURNO, K. C. S. O perfil multilíngue de Moçambique. In: BRANDÃO, S.F. (Org.) *Dois variedades africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 2018. p. 75-91.

RUBIO, C. F. *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e europeu: estudo sociolinguístico comparativo*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” – UNESP. São José do Rio Preto, 2012.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1985. (Princípios).

VIANNA, J. B. S. *Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do Português*. 2011. Tese. (Doutorado em Letras Vernáculas) – Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. Tipologia de regras linguísticas e estatuto das variedades/línguas: a concordância em português. *Linguística* 30 (2), p. 81-112, 2014.

VIEIRA, S. R.; PISSURNO, K. C. S. (Orgs.). *Corpus Moçambique-PORT*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2016. Disponível em: [www.corporaport.lettras.ufrj.br](http://www.corporaport.lettras.ufrj.br).

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for theory of linguistic change. In: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (Eds.) *Directions for Historical Linguistics*, p. 97-195. Austin: University of Texas Press, 1968.